

ÍNDIA, UMA LIÇÃO ESTRATÉGICA¹

EDUARDO ITALO PESCE
Professor

A globalização não decretou o fim do Estado nacional, mas veio demonstrar, mais uma vez, as vantagens políticas, econômicas e militares dos Estados mais fortes e capazes. Apesar dos problemas internos, a Índia é a maior democracia do planeta, ocupando uma posição estratégica de destaque, como potência nuclear emergente na Ásia Meridional e no Oceano Índico. A Índia é candidata a um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e, ao contrário do Brasil, não parece disposta a abrir mão de sua candidatura.

Após a independência do domínio colonial britânico, ocorrida em 1947, a elite indiana percebeu que não seria possível esperar até que o país atingisse o pleno desenvolvimento econômico e social, para

implementar um projeto autônomo de potência, sob risco de vir a sofrer um desmembramento territorial. No Brasil, ao contrário, o discurso político dominante utiliza as desigualdades sociais e a ausência de ameaça externa ostensivamente percebida como justificativas para a manutenção do orçamento de defesa em níveis assustadoramente baixos, adiando indefinidamente a modernização das Forças Armadas.

A Índia possui Forças Armadas fortemente inspiradas no modelo britânico, com elevado nível de profissionalismo e sem antecedentes de intervenção armada na política interna do país. As três forças singulares (Exército, Marinha e Força Aérea) empregam armamento de diversas procedências, mas existe uma considerável indústria local de defesa, que produz arma-

1. Publicado originalmente no jornal *Monitor Mercantil*, de 1º de novembro de 2000.

mentos terrestres, navios de guerra (inclusive submarinos de propulsão convencional) e aeronaves militares de todos os tipos. No Oceano Índico, a Marinha indiana é a potência naval dominante, e planeja construir submarinos de propulsão nuclear no futuro, tendo chegado a operar um submarino nuclear arrendado da antiga União Soviética, o INS *Chakra*, pertencente à classe *Charlie II*.

Há alguns anos, a Índia desativou o Navio-Aeródromo INS *Vikrant* (ex-HMS *Hercules*), passando desde então a contar com apenas um navio deste tipo, o INS *Viraat* (ex-HMS *Hermes*). Este navio, assim como seu antecessor, é de procedência britânica e opera atualmente com aeronaves STOVL (*Short Takeoff/Vertical Landing*), de decolagem curta e pouso vertical, do tipo BAE Systems (ex-British Aerospace) *Sea Harrier*. A Marinha indiana está substituindo seus antigos navios-aeródromos por duas unidades mais modernas, capazes de operar com aeronaves de combate convencionais de alto desempenho.

Recentemente, a Índia adquiriu à Rússia o Navio-Aeródromo *Admiral Gorshkov* (cujo nome original era *Baku*), de 44 mil toneladas, que está sendo convertido em Severodvinsk, na própria Rússia, a um custo de aproximadamente US\$ 750 milhões, para operar com caças embarcados Mapa MiG-29K *Fulcrum*, com entrega prevista para 2003. Além disso, um navio-aeródromo de projeto francês, de 32 mil toneladas, denominado *Air Defence Ship* (ADS), está em construção em Cochim, na Índia, devendo ser entregue em 2008 ou

2009. A Marinha indiana deverá adquirir de 50 a 60 aeronaves MiG-29K, para guarnecer ambos os navios.

No dia 26 de setembro último, o Brasil adquiriu, pelo preço simbólico de US\$ 12 milhões, o Navio-Aeródromo francês *Foch*, de 32 mil toneladas, já rebatizado como *São Paulo*, a fim de substituir o Navio-Aeródromo Ligeiro *Minas Gerais*. O atual navio-aeródromo brasileiro, de apenas 19 mil toneladas, é capaz de operar com as aeronaves de ataque McDonnell Douglas A-4 *Skyhawk* da Marinha, mas sua velocidade máxima de 24 nós (44,5 km/h) impõe algumas restrições às operações de voo. O *Foch* atinge a velocidade máxima de 32 nós (59,3 km/h). Entretanto, chegou a ser sugerido que sua aquisição seria um inútil desperdício de recursos, entre outras razões, porque o peso estratégico do Brasil no Atlântico Sul não se compara ao da Índia no Oceano Índico!

Decididamente, há algo errado com as nossas elites.

Em 1998, o lançamento de uma nova família de moedas custou ao país cerca de US\$ 550 milhões. Com esta importância, teria sido possível construir em estaleiro nacional, gerando milhares de empregos diretos e indiretos, um moderno navio-aeródromo para a Marinha.

Como a defesa nacional sempre ocupou o último lugar na lista das prioridades governamentais, o país acabou tendo de optar pela obtenção de um navio de segunda mão.

Seria engraçado, se não fosse tão assustador.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS> / Navios-aeródromos / ; *São Paulo* (NAe Brasil); *Foch* (NAe França); Marinha da Índia;